ADVERTISEMENT

Are you circling back while looking for quick wins?

Ditch the jargon with our popular business-writing course

ECONOMIST EDUCATION

View course

As Américas | Caos nos Andes

Um aparente golpe na Bolívia fracassa, mas o país continua em apuros

A visão de veículos blindados colidindo com o palácio presidencial assustará os investidores

FOTOGRAFIA: GETTY IMAGES

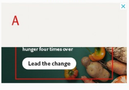
27 de junho de 2024 (atualizado há 6h) | MONTEVIDÉU

Compartilhar

Tos soldados e veículos blindados que invadiram La Paz, capital da Bolívia, no dia 26 de junho, tinham um destino: o palácio presidencial. Depois que um pequeno tanque bateu repetidamente em suas portas, os soldados entraram. O líder do levante revelou-se então Juan José Zúñiga, comandante das Forças Armadas até à sua demissão em 25 de junho. "Haverá um novo gabinete de ministros", disse ele aos repórteres. Os políticos tinham de "parar de destruir, parar de empobrecer o nosso país, parar de humilhar o nosso exército". O exército estava tentando instalar "uma verdadeira democracia". Ao exército, sublinhou, "não faltou coragem".

Nem, ao que parece, o presidente Luis Arce. A certa altura, ele surgiu para discutir cara a cara com os golpistas. Ao voltar para dentro, ele conseguiu realizar uma cerimônia para nomear novos chefes das forças armadas, apesar da explosão de gás lacrimogêneo disparado contra manifestantes pró-democracia do lado de fora. Foi um dia "atípico", observou secamente, mas jurou "derrotaremos qualquer tentativa de golpe". Ele apelou aos bolivianos para que se mobilizassem para defender a democracia, mas também para manterem a calma. O novo alto escalão exigiu que todos os soldados voltassem ao quartel. Entretanto, um dos maiores sindicatos da Bolívia anunciou uma greve geral em protesto contra a tentativa de golpe. A condenação da tentativa de golpe veio de líderes de todo o mundo.

ADVERTISEMENT



Quase tão repentinamente como chegaram, os soldados partiram, substituídos por multidões de civis que gritavam em apoio à democracia. Arce apareceu na varanda presidencial e usou um megafone para declarar que "ninguém pode tirar a democracia que conquistamos nas urnas e com o sangue do povo boliviano". A aparente tentativa de golpe falhou.

Esta é uma boa notícia para uma região que acreditava que os golpes de estado estavam em grande parte relegados à história. Mas a revolta foi motivada, pelo menos de alguma forma, por uma profunda crise política e econômica. Antes das eleições do próximo ano, Arce e Evo Morales, um antigo presidente, estão a disputar o poder. As tensões entre os dois – tanto esquerdistas como antigos colegas – paralisaram o governo, agravaram os problemas econômicos e, por sua vez, alimentaram protestos nas ruas. A visão de tanques a atingir o palácio presidencial apenas conseguiu fazer com que a Bolívia parecesse mais instável e caótica para empresas, investidores e turistas.

A crise política continua começou em 2019, quando Morales concorreu a um terceiro mandato inconstitucional. Ele venceu, mas após acusações de fraude e protestos em massa que causaram 36 mortes, o exército pediu-lhe que renunciasse. Ele o fez e deixou o país.

Em 2020, a Bolívia elegeu Arce como presidente. Ele havia sido ministro da Economia de Morales. Mas à medida que a pandemia atingiu o país, a economia caiu. Morales regressou, dizendo que concorreria contra Arce em 2025. O presidente diz que isto é inconstitucional (o Tribunal Constitucional concorda). Entretanto, os aliados de Morales no Congresso tornaram quase impossível a Arce governar, bloqueando os esforços para garantir empréstimos que aliviariam a pressão sobre os cofres do governo e frustrando os planos para trazer investidores estrangeiros para explorar reservas abundantes de lítio. Arce chama a isto um "bloco econômico" por parte dos aliados do seu rival. Morales ameaçou desencadear distúrbios se for impedido de concorrer.

ADVERTISEMENT

A revolta pareceu unir momentaneamente os dois esquerdistas furiosos. O Sr. Morales rapidamente denunciou a tentativa de golpe e pediu uma mobilização em massa para proteger a democracia. Pode ter ajudado o fato de o General Zúñiga parecer favorecer a direita política.

No entanto, com os soldados de volta aos seus quartéis, as probabilidades de uma resolução tranquila para a disputa dos esquerdistas continuam a ser escassas. A escapada do exército pode tê-lo aprofundado. O General Zúñiga foi preso na noite do seu golpe fracassado. Ele pode ter tentado tomar o poder, usando a crise política e econômica como justificação; ele foi demitido depois de dizer que não permitiria que Morales fosse presidente novamente em rede nacional. Mas ao ser levado, acusou Arce de lhe pedir que organizasse uma revolta "para aumentar a popularidade [do presidente]". Mesmo que sejam falsas, as acusações podem alimentar ainda mais o caos.

Enquanto isso, os bolivianos comuns continuam a lutar. O país está desesperadamente carente de dólares. O combustível, que é em grande parte importado, é escasso. A taxa de câmbio oficial entre o boliviano e o dólar praticamente entrou em colapso. A taxa do mercado negro está cerca de 50% acima da taxa oficial. Comerciantes bolivianos inundaram a fronteira com o Brasil e o Peru, tentando desesperadamente comprar dólares a preços elevados.

O governo gasta cerca de 2 mil milhões de dólares por ano para importar combustível subsidiado, quase levando-o à falência. A extracção de gás natural, outrora uma fonte de força, está a desaparecer rapidamente, em parte devido à falta de investimento por parte da empresa estatal de hidrocarbonetos. Até 2030, o país poderá ser um importador líquido de gás natural. Em Fevereiro, a Fitch baixou a classificação da dívida do país de lixo para lixo ainda mais sombrio. Agora, as divisões profundas no exército devem ser acrescentadas à crise política mais ampla. ■

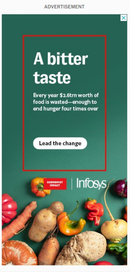
Assine o El Boletín , nosso boletim informativo exclusivo para assinantes sobre a América Latina, para entender as forças que moldam uma região fascinante e complexa.

dólar praticamente entrou em colapso. A taxa do mercado negro está cerca de 50% acima da taxa oficial. Comerciantes bolivianos inundaram a fronteira com o Brasil e o Peru, tentando desesperadamente comprar dólares a preços elevados.

O governo gasta cerca de 2 mil milhões de dólares por ano para importar combustível subsidiado, quase levando-o à falência. A extracção de gás natural, outrora uma fonte de força, está a desaparecer rapidamente, em parte devido à falta de investimento por parte da empresa estatal de hidrocarbonetos. Até 2030, o país poderá ser um importador líquido de gás natural. Em Fevereiro, a Fitch baixou a classificação da dívida do país de lixo para lixo ainda mais sombrio. Agora, as divisões profundas no exército devem ser acrescentadas à crise política mais ampla. ■

Assine o El Boletín , nosso boletim informativo exclusivo para assinantes sobre a América Latina, para entender as forças que moldam uma região fascinante e complexa.

ADVERTISEMENT

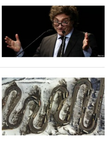


Javier Milei transformou a Argentina em um laboratório libertário

Mas o maior teste econômico ainda está por vir

importantes ao Senado da Argentina

Os mercados comemoraram a aprovação dos dois projetos de lei, depois que manifestantes tomaram as ruas de Buenos Aires



Por que a América Latina é o pipsqueak comercial do mundo

Sua geografia dificulta o comércio. Mas o mesmo acontece com a política

Para melhorar a sua experiência e garantir que o nosso website funciona sem problemas, utilizamos cookies e tecnologias semelhantes. Gerenciar cookies

Direitos autorais © The Economist Newspaper Limited 2024 . Todos os direitos reservados.